

CRISE ECONÓMICA: UMA OPORTUNIDADE DE INOVAÇÃO PELO DESIGN

Maria João Melo

RESUMO: A nossa investigação foi influenciada pelo contexto da crise económica e financeira que, a uma escala global, resultou na expansão do gasto público que por sua vez, influenciou negativamente a crise da dívida soberana na zona Euro. Não escapando ao esbanjamento e às despesas improdutivas Portugal entrou em estado de recessão por agravamento dos prévios problemas estruturais, o que no presente determina os vários aspetos da nossa vida. Inspirados pela urgência na resolução das dificuldades, que também a nós afasta da zona de conforto, e pelo optimismo inerente à nossa profissão de designer, que nos permite vislumbrar a oportunidade que este desafio configura para a prática do design no século XXI, assim como, para a investigação em design e a educação em design. Em certa medida, por almejamos poder contribuir para o atenuar desta problemática, identificamos causas e incluímos vias, indicando percursos para uma solução que, embora seja parcial, possa ter impacto em Portugal através do design.

Palavras-chave: Design-thinking; crise socioeconómica; inovação.

ABSTRACT: Our research was influenced by the context of the economic and financial crisis that, on a global scale, has resulted in the expansion of public spending which in turn negatively affected the sovereign debt crisis in the Eurozone. Portugal did not escape the wasteful and unproductive expenditure and went into a state of recession by aggravation of prior structural problems, which in the present determines the various aspects of our lives. Inspired by the urgency in overcoming difficulties detaches people from their comfort zone and since designers are intrinsically optimistic, they glimpse opportunities in this challenging 21st century in terms of design practice, design investigation and design education. To some extent, we aim to be able to contribute to alleviate this problem; therefore we identify and indicate pathways for a solution that, although partial, might impact Portugal through design.

Keywords: Design-thinking, socio-economic crisis; innovation.

Como consequência da contração do ciclo económico sentimos a retração geral da atividade económica que atinge todos os sectores económicos, nomeadamente o da indústria transformadora, com o encerramento, por falência, de inúmeras unidades de produção fabril. Desde as médias, às pequenas empresas que constituem a principal dimensão do tecido empresarial nacional. A consequente queda de produção e retração do fluxo das trocas comerciais, logo a diminuição do valor das exportações, convergem para o agravamento do desemprego quer jovem, quer de trabalhadores sénior, independentemente da sua habilitação académica e profissional, nomeadamente dos designers, sobretudo os designers industriais ou de produto.

Vivemos em Portugal um momento em que perpetuar o sistema estabelecido não é compatível com a experiência acumulada, sob pena de comprometermos o futuro do país. Esta é a oportunidade de sublimação do design como capital intelectual, no envolvimento, de uma maneira explícita, no retomar do desígnio que Flüßer (2010) [1] considera ser o

do *design total*, que assim entendemos como uma nova e contemporânea maneira de conciliar os conceitos de *vida boa* com o *da felicidade*, em que a possibilidade de reformulação da realidade nele contida, encerra a promessa do desenvolvimento de um novo paradigma socioeconómico.

Em certa medida agir para que o Produto Interno Bruto nacional, encontre equivalente na Felicidade Nacional Bruta (FNB) [2].

Apesar de, na nossa investigação nos debruçarmos sobre o design poder ser aplicado como ferramenta que determina o sucesso da inovação a nível dos produtos, extravasamos o seu âmbito por não prescindirmos de abordar a realidade da crise social vigente que convoca a nossa empatia e configura uma oportunidade para que o design possa simultaneamente ter implicações na inovação social. Contribuímos assim, mesmo que indiretamente, para a assimilação de uma outra compreensão do limite de ação do design como recurso para recuperação do país, pela ampliação do seu âmbito material aos domínios do imaterial, através de concepção de um sistema lucrativo de produção, de serviços e de experiências, que efetivamente integre a dimensão ética com a da responsabilidade social com uma perspetiva de transformação social e territorial, assim como, do reforço da identidade nacional. Em benefício da comunidade, pela valorização dos contextos socioeconómicos, boas práticas ambientais e patrimoniais, o design atuará assim através da articulação da diversidade cultural, materializáveis em recursos territoriais tais como, as infraestruturas existentes, a destreza e competências dos vários atores e parceiros, na integração do conhecimento com as práticas das comunidades.

Embora aqui não se trate de analisar ao detalhe a complexidade e a diversidade dos fenómenos económicos, contudo, importa referir alguns dos que selecionamos através do nosso sentido crítico como matéria relevante, que estando em curso pertencerem ao domínio do senso comum, e que em seguida integramos para a coerência da fundamentação teórica que anima a abordagem do conjunto.

Degradação do paradigma do progresso

Um dos quadros de referência que caracterizam a cultura contemporânea é o de que as transações financeiras não expressarem a criação de riqueza, pelo contrário, manifestarem o desequilíbrio entre o mercado financeiro com o comércio, e a produção económica mundial e, sublinham o fenómeno da riqueza esmagadora de alguns com a pobreza de todos. Apesar deste ter estado sempre universalmente presente nas sociedades humanas, Landes (2001), a expressão e a extensão desta injustiça nunca tinha sido tão perturbante pelo que urge contrariar a cultura mercantil que promove a democratização do supérfluo por mecanismos reguladores da equidade. Em 2006, a produção económica mundial foi de 47bilões de dólares (4712), enquanto o valor total do mercado financeiro correspondia a mais do dobro (11912). Já o valor do organismo financeiro global ascendia a (47312) de dólares, Ferguson (2011), o que ilustra o desfasamento entre os meios de produção e o que se mercantiliza.

Segundo a teoria de George Soros, a denominada teoria da reflexibilidade, em que os mercados financeiros não são quantificáveis porque se baseiam em previsões especulativas, não podendo pois ser perfeitamente eficientes e racionais, dependendo da instabilidade dos mercados financeiros, logo, da reduzida fiabilidade da própria natureza

humana, em que é possível prever os perdedores mas não os vencedores. Em certa medida, é uma teoria pessimista devido aos aspectos subjetivos que leva em consideração.

Por contraste, os galardoados com o prémio Nobel da economia de 1997, Myron Scholes e Robert Merton, desenvolveram uma fórmula matemática que previa quanto uma determinada ação iria valer no futuro, e em que apenas é possível representar um colapso financeiro, uma vez em quatro milhões de anos de transações, sobre a qual assentava a teoria radical de atribuição de preços, a designada teoria de opções. Através de um contrato de opção simples, uma espécie de seguro sobre o valor investido que faria com que, na pior das hipóteses, o preço de um dado investimento financeiro ou aumentava, ou nunca chegava a representar uma perda. Assente neste algoritmo criaram, nos EUA, um fundo financeiro cujo lucro resultava das opções não executadas, porque os compradores erravam nas suas previsões, mas que apesar de apresentar um saldo negativo, valia mais três casas decimais pelos ativos financeiros financiados por empréstimos contraídos pela Long Term Capital Management (LTCM). Embora este modelo resulte a curto prazo, representa uma má gestão financeira a longo prazo, por não tomar em consideração outras situações que aconteceram anteriormente na história política e económica mundial em que o colapso aconteceu, pois o algoritmo matemático não considera a referida imprevisibilidade do temperamento humano.

Assim, a efetiva globalização a que assistimos foi a da vulnerabilidade, tanto dos mercados financeiros, como das forças políticas correlacionadas que, por incumprimento das hipotecas *Subprime* [3], levou à falência das instituições financeiras mundiais, resultando na derrocada generalizada.

Com exceção da China que, embora corra o risco de não recuperar o capital emprestado às diversas nações, parece estar imune a esta crise sendo agora detentora dos seus próprios e recém-criados meios de produção, assim como os, daquelas que em busca de custos de produção substancialmente inferiores pelo acesso a mão-de-obra mais barata, disponível e sem direitos sociais, para este país se deslocalizaram. Assim, e generalizando, foram criadas as condições para que, não só os meios de produção Ocidentais se transfiram para os países asiáticos, como os próprios produtos então lá fabricados atinjam um valor comercial tão reduzido, com o qual as unidades de produção que subsistem a ocidente não podem competir, o que resulta noutro fator de encerramento das indústrias transformadoras que atinge os diversos sectores.

Hoje a China utiliza os seus próprios recursos financeiros, sendo ela que empresta a maior parte do capital necessário ao mundo Ocidental para a satisfação de sua cultura do consumismo desenfreado que tem origem em valores e princípios filosóficos antagónicos aos Asiáticos. Valores esses que assentam numa perspetiva filosófica hedonista em que a felicidade é igual à soma dos prazeres sentidos por cada pessoa, utilidade que decorre das ações individuais subtraída às dores que estas possam provocar, da teoria de Bentham [4], jurista inglês, fundador a doutrina económica do utilitarismo a quem Amaral (2011) se refere, que defendia que as instituições devem funcionar de modo a garantir a maior felicidade individual para o maior número possível de indivíduos. Assim, a capacidade económica individual ou restrição orçamental de cada consumidor na aquisição de bens determina o mercado de procura. Ou seja, supondo a economia em concorrência perfeita, os neoclássicos provaram existir um sistema de preços que equilibra a oferta com a procura de cada bem produzido, o que, simultaneamente permite a cada indivíduo,

maximizar a utilidade adquirida, sendo que o trabalho nesta perspectiva é tido como uma mera mercadoria.

Desde a segunda metade do século XIX esta doutrina do utilitarismo económico, que privilegia o comércio, tem sido adotada como um dos pilares fundamentais da *escola neoclássica* inspirando, até hoje, o neoliberalismo económico. Valorizando apenas o individualismo e o momento presente, por não considerar a comunidade e o futuro, tem como consequência o consumismo e alienação das necessidades das futuras gerações.

Assim, temos assistido a uma corrida ao crescimento para a obtenção do lucro pela transação de bens, produto do reducionismo económico e tecnológico impulsionado pela acumulação de capital à escala planetária, que no presente momento encontrou o obstáculo numa crise financeira e económica de um sistema financeiro que, desde 2006, se manifestava estar a entrar em rutura, e cujas consequências permanecem a uma escala global, na economia.

O termo *crise económica* foi extraído da teoria marxista, e refere-se a um período de transição entre uma fase de crescimento e uma fase de recessão, ou de depressão económica. Já a terminologia de *crise financeira* é aplicada a situações em que instituições ou ativos financeiros se desvalorizam repentinamente, o que pode ter origem em operações bancárias e, ou, na desvalorização da moeda.

Com a atual crise ficou provado que os agentes macroeconómicos não são racionais, os mercados não são eternamente eficientes precisando ser regulados e que a relação entre macroeconomia e microeconomia se complexou pelo que, os fenómenos mudam muito rapidamente, sendo imprevisíveis por terem pressupostos psicológicos.

Breilh (2002) crítica o paradigma do crescimento económico perpétuo classificando-o como, um absurdo porque sob o estandarte da competitividade se dissimular a disputa entre países pela primazia em explorar e beneficiar, o mais eficazmente possível, quer os recursos naturais, quer os recursos humanos, tal como Santos (2007), se refere ao aumento da possibilidade de usufruir dos bens de consumo, da capacidade de consumir, e da mobilidade como sendo um equívoco na maioria dos países desenvolvidos pelo fator ilusório da melhoria das condições de vida.

Não sendo pela primeira vez questionado o ênfase dado ao aumento da produtividade e ao crescimento económico, entendido como o constante aumento do Produto Interno Bruto (PIB), logo baseado na industrialização, como um objetivo permanente que percorre tanto as sociedades industriais capitalistas como as socialistas, o efeito nefasto que provoca nos ecossistemas é agora sentido, direta ou indiretamente, por todas as nações. Na atualidade os povos de todos os continentes, quer por testemunharem como corolário o aumento do ciclo de *catástrofes naturais*, quer por sentirem o seu oneroso efeito, parecem finalmente aceitar evidência das mudanças climáticas como sendo a consequência direta da ação humana através do sistema adotado, que se baseia no permanente aumento do valor da produção que não é sustentável pelos ecossistemas devido aos métodos convencionais de extração, de tratamento e manufatura, serem destrutivos do mundo natural com consequências irreversíveis para a biogenética. Por outro lado, a percepção de que os recursos aparentemente imensuravelmente vastos, e em permanente regeneração, alterou-se porque ao já escassearem, sobretudo os energéticos

não renováveis, registam cúmulos históricos que afetam os padrões de vida e a perspetiva de desenvolvimento.

Por colocar assim em causa a sustentabilidade dos ecossistemas, a humanidade só poderá prosperar com o decréscimo da população que, se agora já atinge os sete biliões de indivíduos, em 2050 se estima alcançar os 9 biliões de seres humanos, sob pena de fazer definharem o mundo natural cujos recursos estão a ser pressionados a limites nunca anteriormente necessários, conforme nos alerta Attenborough (2012) através da organização Population Matters. A atual dinâmica demográfica traduz-se por um número crescente de população cuja esperança de vida é ampliada o que equivale a um incremento dos ciclos de extração e de produção em massa, do consumo desenfreado quer de bens alimentares e água, quer de mercadorias, conseqüentemente da produção de lixo e de desperdício em massa, logo consumindo cada vez mais recursos por um período mais longo. Se por um lado o uso predatório dos recursos a larga escala esgota as já escassas matérias-primas, a procura por bens de primeira necessidade como os produtos alimentares, cuja produção exige maior disponibilidade do solo e do recurso hídrico que também já escasseia, só aumentará. Se a tudo isto juntarmos o efeito da elevação do nível do mar devido ao aumento da temperatura média nas calotes polares, conseqüência das mudanças climáticas, por submersão teremos uma redução substancial da disponibilidade de território, onde se terá que acomodar e fazer sobreviver uma crescente densidade humana.

Assim, recuperando a tese redigida no livro *“The Entropy Law and the Economic Process”* de 1971 pelo matemático Georgescu-Roegen [5] que, com base na segunda lei da termodinâmica, relembremos o alerta lançado para a inevitável degradação dos recursos naturais em decorrência das atividades humanas pelo desenvolvimento económico assente na utilização inconsiderada das reservas de energia acumulada ao longo do tempo no planeta.

As duas ordens de degradação simultâneas que constituem o saldo do final do séc. XX que extravasam para o séc. XXI, de acordo com a visão de Harribey (2001), inspirada na tese anterior, são de ordem social e de ordem ambiental, cada uma das quais está relacionada com a outra, sendo a segunda conseqüência da primeira. A degradação de ordem social é conseqüência do modo de produção capitalista dominante se ter generalizado à escala planetária de forma a dela fazer depender, por via do sistema económico correlacionado, todas as atividades humanas sob a promessa da melhoria do bem-estar generalizado a médio e longo prazo. A segunda, a ordem da degradação dos ecossistemas, gravemente ameaçados pelo circuito vicioso de consumo de energia, dos recursos não renováveis pelos conseqüentes detritos. Se a primeira resultou no aumento da pobreza pela crise gerada da falta de equidade da distribuição de lucros, sobretudo do nível de vida dos países do hemisfério norte em detrimento dos países do sul, a segunda, culminou na atual crise económica por colapso do sistema financeiro que lhe é inerente e que tem demonstrado reforçar a crise social pelo aumento do desemprego motivado pelo encerramento de empresas por todo o mundo industrializado.

A métrica matemática da economia moderna é demasiado susceptível de transformar e influenciar os valores estatísticos a fim de que as previsões económicas sejam manipuladas para justificar as perdas e não para espelhar a realidade, Perkins (2011), para quem o atual sistema económico é um falhanço absoluto para a humanidade. Para este autor, enquanto formos seus cúmplices da sua promoção, replicação e aumento da

desigualdade nunca iremos erradicar a pobreza, porque a quantidade de progresso, de prosperidade e de bem-estar serem usadas como valores para medir o grau cultural de cada país, sendo que, para a uma pequena faixa da população mundial lhe ser atribuída o grau de desenvolvimento, a restante maioria tem uma existência miserável.

Com base nestes conceitos retomamos a teoria do Decrescimento Económico, antagónica à dos liberais neoclássicos, que criticando o crescimento económico sem limites entendido como aumento constante do Produto Interno Bruto (PIB), consequência do ênfase dado ao imparável aumento da produtividade, paradigma de crescimento económico da teoria do produtivismo, que alerta para a insustentabilidade do sistema em curso.

Perante a presente derrocada do sistema, se ansiamos que se remeta celeremente ao passado, resta-nos debruçar sobre o estudo do padrão que a motivou para que dele possa haver oportunidade de inovação. Numa cultura nova e global resta-nos encarar a incerteza do futuro com um sentido de julgamento crítico próprio dos exploradores contrariando o papel de vitimização, Kerkhove (1997). Interromper este padrão e seu ciclo de exploração é implementar um novo paradigma.

Celebramos esta teoria porque vivemos numa época em que o potencial para o desastre que só poderá coexistir com a oportunidade de transformação e evolução para um sistema estável que proporcione bem-estar sem agredir o planeta, suprimindo o supérfluo e promovendo o decrescimento do consumo, num processo de redescobrimto do Marxismo, que agora se aprimora. Foi como se necessitássemos de percorrer este caminho de soma de muitos e sucessivos fracassos para nos sublimarmos no paraíso utópico que se concretiza pelo refinamento do capitalismo até Marx.

"(...) no capitalismo, as crises funcionam como actos brutais de purificação. A destruição executada pelas crises remove impedimentos anteriores à acumulação e liberta novas possibilidades para o desenvolvimento capitalista"(Michael Heinrich, 2008)

" (...) uma série de outras crises frutuosas, que eventualmente nos ensinarão uma coisa ou outra sobre os defeitos do dinheiro representacional como meio para o desenvolvimento social."(Derrick de Kerkhove, 1997)

Deste ponto de vista, não haverá um última e derradeira crise do capitalismo, nem vivemos um último alento, mas uma promessa renovada de nova fase de prosperidade que apenas entrou em rutura com o capitalismo moderno que, segundo Füssler (2010), poderá consolidar-se através do design porque, como capital intelectual, encerra a possibilidade de reformulação de um materialismo naturalista, materialismo esse, que se resultar de um projeto coletivo consciente, poderá constitui-se numa matriz conceptual da assunção da ecologia pela sociedade.

Como McDonough (2002) sublinha, no existente paradigma da industrialização e do desenvolvimento, a diversidade biológica e cultural, como elemento fundamental do mundo natural, necessita ser salvaguardada a não tomada como até aqui, como uma força hostil a confrontar. Sobretudo, pelos 20% da humanidade que comete 80% das agressões contra natureza, como resultado da sociedade de consumo suportada pela atual imposição do modelo de desenvolvimento, conforme Galeano (2011).

Se os recursos naturais são afinal finitos, pelo menos ao ritmo a que os exploramos, então o crescimento infinito não é praticável. A melhoria das condições de vida deve ser alcançada através do abandono progressivo do paradigma dominante, sem recurso ao produtivismo que promove um ininterrupto ciclo do consumo, transitando para um sistema que promova a sua redução, assim como o da equidade, até no que concerne ao consumo de recursos.

Com base no valor epistemológico a palavra crise se refere a uma fase que encerra algo positivo, uma oportunidade de *krino* [6], que significa avaliar, julgar, decidir, será necessário ultrapassar com outra intrepidez a presente fase de hesitação entre o retomar do sistema anterior e a sua inexorável derrocada, para aproveitar a oportunidade de mudança pela substituição do atual para um novo paradigma. Atribuir primazia à criatividade expressa através do design para a reconfiguração da realidade do mundo com outras representações dos objetos, mas também do espaço e do tempo, numa relação inovadora do homem com o planeta e com os outros.

Conclusão

E se o design é acerca de otimismo, vislumbramos como em “*Glimmer: How design can transform your life, and maybe even the world*”, por Warren (2009), e uma nova organização sociotécnica da sociedade com uma perspectiva de transformação social como em “*Massive Change*” de Mau (2004), que renove os valores de justiça e respeito pela vida.

Apesar desta pretensão ser criticada positivamente por Mays (s/d) ele classifica-a como ilusória por apresentar algumas debilidades controversas, ao nível do discurso político e económico. Dilnot (2011), apesar de considerar, que por enquanto, ser o design apenas uma parte da economia de consumo, a sua contribuição ética é a de poder atuar como ferramenta de mediação e de negociação entre as coisas e os indivíduos, uma vez que os designers captam as capacidades das pessoas e as características dos objetos de modo a sintetiza-los em conjunto, criando, conseqüentemente, uma relação de ressonância.

Estando cientes da exigência em complexidade de tal desígnio insistimos na possibilidade na inversão da relação de forças do capital financeiro, que até aqui tem atuado em detrimento da produção de riqueza e do capital intelectual, através do distanciamento progressivo do processo de acumulação da produção capitalista, para adoção do capital intelectual, nomeadamente pela aceitação e valorização da inovação impulsionada pelo design, como via para restaurar a harmonia primordial entre os seres humanos e o ambiente terrestre. Aproveitemos este momento de oportunidade para que o design possa atuar como uma ferramenta para perspetivar a transformação do sistema económico, pelo próprio design de um novo sistema financeiro que, pela inovação, considere os benefícios mútuos que possam advir da colaboração industrial e económica sem prejuízo do meio ambiente e sociedade.

“Design is a political act. Everytime we design a product we are making a statement about the direction the world will move in” (Stefano Marzano, Design Week, 24 September, 1993, p.22)

Aspiramos uma nova lógica de desacumulação de bens que, de certa maneira, recupere as conceções Aristotélicas adaptadas ao pensamento moderno, nomeadamente a respeito

dos direitos humanos, em que o fundamental não será prosseguir com a insustentável busca hedonista pela felicidade individual, mas a realização das potencialidades individuais ao serviço dos valores comunitários.

Em causa está a própria continuidade da profissão de designer. Ou se afasta da produção em massa e contribui definitivamente para remodelação da cultura pela mudança do paradigma dominante, ou permanece ligada ao modelo económico que sistematicamente mais tem tido implicações na poluição e nas mudanças climáticas globais. Ou submete a sua energia criativa à de ator passivo por cumplicidade com o poder instituído, ou participa influenciando um novo compromisso ético que é o assunto que em seguida nos debruçaremos. Mas como vivemos um momento em que perpetuar o sistema anterior não é compatível com o conhecimento acumulado, sob pena de comprometermos o futuro do planeta e da nossa própria espécie, resta-nos retomar o desígnio da perseguição da utopia suportada por uma atitude mental inédita, que premeie o novo sustentado na renovação ancestral.

Kerkhove (1997), através de uma visão optimista, prevê uma evolução rápida do design de um estádio reactivo para se tomar pró-activo o que incluí, para além das noções estéticas e funcionais, a recuperação daquilo que considera ser uma nossa antiquíssima necessidade, a sabedoria.

Oportunidade de sublimação do design como sistema de pensamento criativo pelo seu envolvimento, agora de uma maneira explícita através do designado design-thinking, no retomar da perseguição da utopia, para se alcançar a beleza total, ou design total, como designou esta ação de ampliação do horizonte das possibilidades, Flüsser (2010), influenciando as políticas públicas, a direção do investimento privado assim como, motivar outras atitudes e comportamentos individuais face ao mundo e ao meio, Wasserman (2010).

Para o efeito é necessário assimilar uma outra compreensão do limite da ação do design sobre o mundo, pelo ampliação do seu âmbito material aos domínios do imaterial, através da conceção de um sistema de inovação, de produtos e serviços e de experiências que reúnam efetivamente as dimensões éticas, tais como, a da responsabilidade social, empatia pelo utilizador e a emergência de novos modos de produção, como contributo do design para a validação de um outro paradigma económico e social.

Notas

[1] Vilem Flüsser (1920-1991).

[2] Designação e acrónimo por nós criado.

[3] Subprime – É um crédito à habitação de alto risco que se destina a uma fatia da população com rendimentos mais baixos e com uma situação económica instável, em que a única garantia que lhe é exigida é a hipoteca do próprio imóvel.

[4] Jeremy Bentham (1748-1832).

[5] Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994).

[6] Krino – verbo do Grego.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, João Ferreira do - A Economia Ética, Conferência “O Fascínio da Economia”. Lisboa, 8 de Janeiro de 2011. Pequeno Auditório da Culturgest.

BERGER, W. (2009) - Glimmer: How Design Can Transform Your Life, and Maybe Even the World (1st ed.). The Penguin Press HC. 2009.

BREILH, Jaime - Perspectivas políticas, sociales y éticas de la investigación en una era de barbárie. II Encontro Internacional de Pesquisa em Enfermagem: trajetória espaço-temporal da pesquisa, São Paulo: Rev. Esc. Enferm USP, 2002.
<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n3/v36n3a01.pdf>

DILNOT, Clive. in Entrevista – O perito do Design Clive Dilnot. Evasões, (163): Lisboa, Novembro 2011, p.114.

ESSLINGER, Hartmut - A FINE LINE: How Design Strategies are Shaping the Future of Business. Jossey-Bass: São Francisco, 2009.

FERGUSON, Niall - O Poder do Dinheiro: Chimerica, Episódio nº2. (Canal Odisseia, 9 de Fevereiro de 2011).

FERGUSON, Niall - O Poder do Dinheiro: Bolhas no Ar, Episódio nº1. (Canal Odisseia, 7 de Julho de 2011).

FLUSSER, V. - Uma Filosofia do Design. Relógio D'Água. Lisboa: 2010.

FOLKMANN, M. N. -Our Glocal Future. Mind Design - Design Research Webzine, (23): Novembro, 2009.
<http://www.dcdr.dk/uk/Menu/Update/Webzine/Articles/Our+Glocal+Future>

GALEANO, Eduardo - Eduardo Galeano: Quatro Frases Que Fazem o Nariz Do Pinóquio Crescer - Pragmatismo Político. Pragmatismo Político, 2011.

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/05/eduardo-galeano-quatro-frases-que-fazem.html>

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas - The Entropy Law and the Economic Process. iUniverse, 1999.

HARRIBEY, J. - Marxismo Ecológico ou Ecologia Política Marxiana. 2001.
http://resistir.info/ambiente/ecologia_politica.html

HEINRICH, M. - A actual crise financeira e o futuro do capitalismo global. Resistir: 2008. http://resistir.info/crise/heinrich_09jun08.html

HOUSTRUP, I. -Crisis May Force Companies to Develop. Mind Design - Design Research Webzine, (22): Outubro, 2009.
<http://www.dcdr.dk/uk/Menu/Update/Webzine/Articles/Crisis+May+Force+Companies+to+Develop>

INNERARITY, D. - A Sociedade Invisível: como observar e interpretar as transformações do mundo actual. Lisboa: Editorial Teorema, 2009.

JENSEN, A. K. - Strategic Design: Achieving Utopian Goals. Mind Design - Design Research Webzine, (16): Fevereiro, 2009.<http://www.dcdr.dk/uk/Menu/Update/Webzine/Articles/Strategic+Design%3a+Achieving+Utopian+Goals>

KERKHOVE, Derrick de - A Pele da Cultura: Uma Investigação sobre a nova realidade electrónica.1997

KURZ, R. - Marx depois do marxismo.(2000).Obtido Janeiro 26, 2011, de <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz58.htm>

LANDES, D. S. - A Riqueza e a Pobreza das Nações. Lisboa: Gradiva Publicações, 2001.

MAU, Bruce, LEONARD, J., & Boundaries, I. W. Massive Change. Phaidon Press: 2004.

MAYS, J. B. - Utopia problem: Bruce Mau design's massive change project. International Contemporary Art. (sem data). http://findarticles.com/p/articles/mi_hb6371/is_84/ai_n29144592/?tag=content;coll

MOURA, Catarina - O Desígnio Do Design. in Livro De Actas - 4o SOPCOM (presented at the 4o Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Aveiro: Comissão Editorial da Universidade de Aveiro, 2005)

McDONOUGH, William; BRAUNGART, Michael - Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Things. North Point Press, (1ª ed.): 2002.

PERKINS, John - On Globalization. Speaking Freely Series, 5 vols. DVD (SiF3R: New York, USA 2011), Vol. 1.

RANEY, C.; JACOBY, R. - Decisions by Design: Stop Deciding, Start Designing. Rotman Magazine: Winter 2010, 34-39. <http://www.ideo.com/images/uploads/thinking/publications/pdfs/DecisionsbyDesign.pdf>

REDONDO, Fernando Penin; REDONDO, Maria Rosa - Do Capitalismo ao Digitalismo. Painele 40, Auditório 1, Congresso Internacional Karl Marx. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, 16 de Novembro de 2008. <http://digist-ismo.blogspot.com>

SANTOS, A. D.; KRAMER, A.; VEZZOLI, C. - Design Brings Innovation to the Base of the Pyramid. Design Management Review, 20(2): 2009, 77- 85

SANTOS, B.;Tomé, A. - Consumactor: Os Consumidores Contra a Má Globalização (1.º ed.) Temas e Dabates. Lisboa: 2003.

SANTOS, F. D. - Que Futuro? Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento e Ambiente (1ª ed.) Gradiva Publicações. Lisboa: 2007.

SMITH, Lewis - David Attenborough urges business to protect nature fro population boom. The Guardian – Global Development. UK: 18 January 2012<http://www.guardian.co.uk/environment/2012/jan/18/david-attenborough>

WASSERMAN, Arnold S. - Design 2050. Design to Improve Life. 2009. http://designtoimprovelife.dk/index.php?option=com_content&view=article&id=402&Itemid=231